

55

# ROCHA PEIXOTO

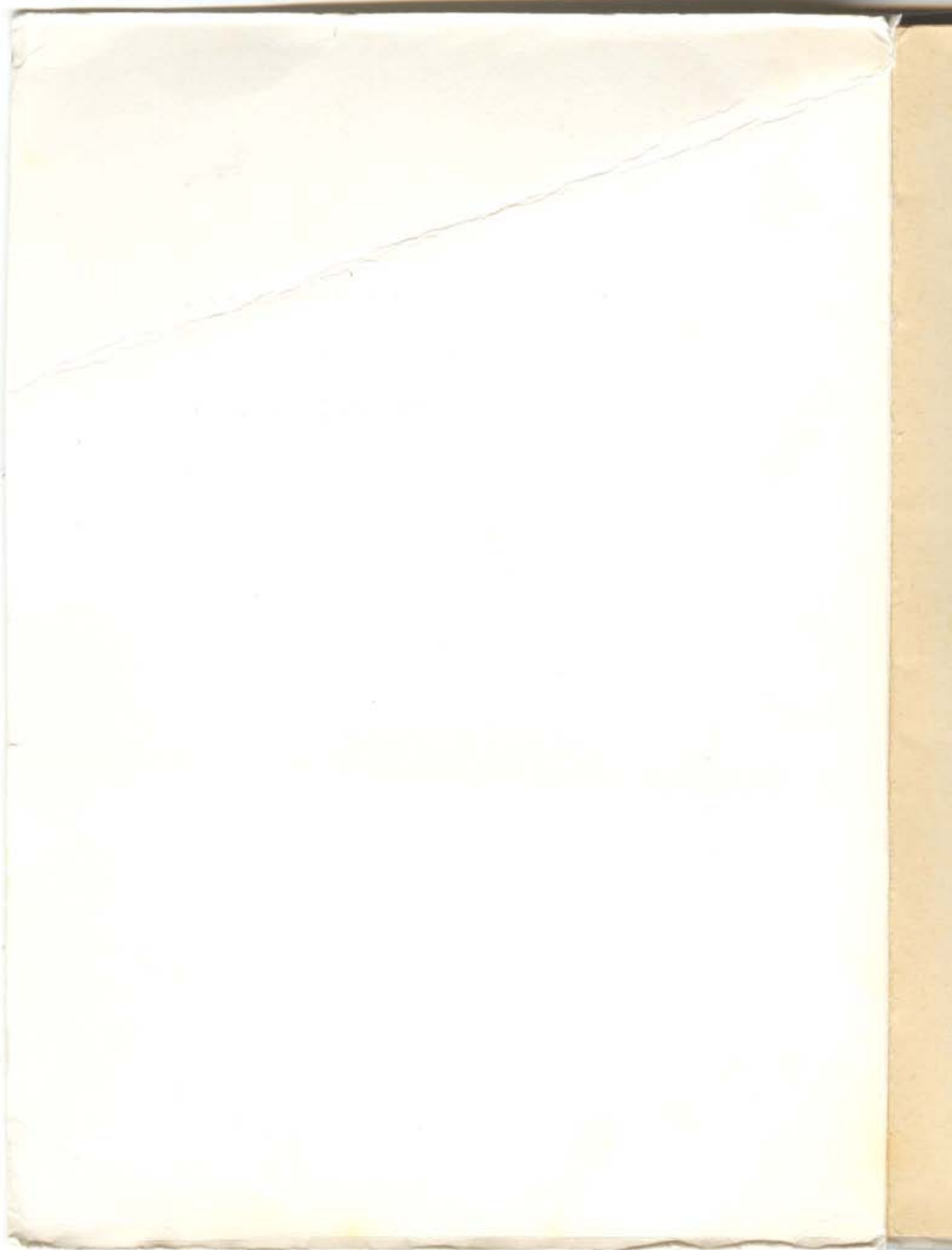
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECCÃO E NOTAS  
de  
FLÁVIO GONÇALVES

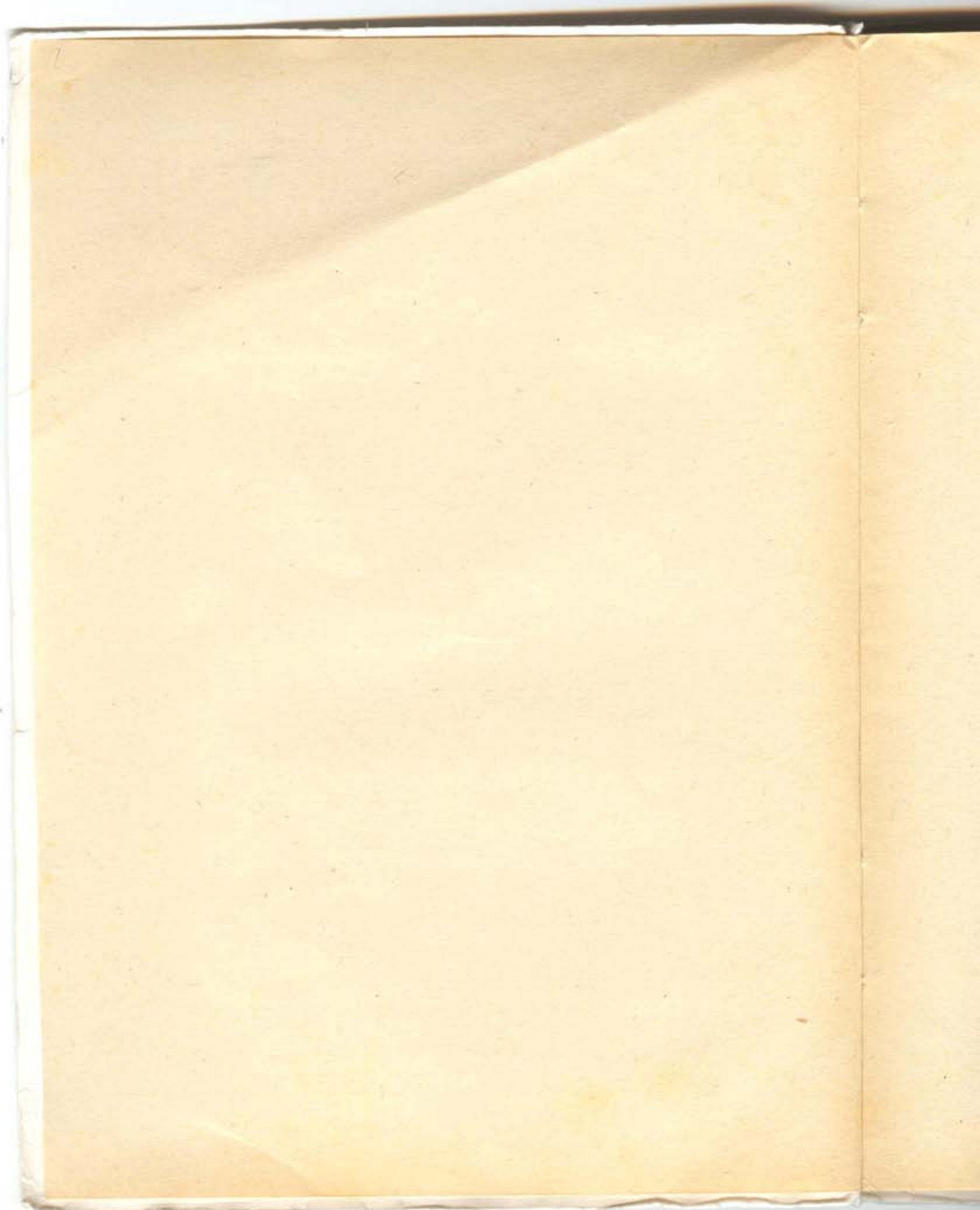
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto  
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO  
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO  
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS



# ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS  
de  
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE MATOSINHOS

1966

<b>CMPV</b>
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota .....

8523

ROCHA PEIXOTO

(RESCINDIDOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE JUSTIÇA

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS

SECRETARIA DE JUSTIÇA  
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS





# ROCHA PEIXOTO

por *M. Vieira Natividade* (\*)

Conheci-o há vinte anos em Lisboa, apresentado pelo sábio Choffat (\*\*). Era então um rapaz quase imberbe, loiro e franzino, a que um nítido e profundo olhar dava a poderosa nota de uma energia superior. Segui-o depois do canto da minha aldeia como se segue a marcha de uma evolução rápida que nos deslumbra.

Nas minhas raras visitas ao Porto contava-me ele as suas aspirações, os seus projectos de estudo num entusiasmo vibrante, cheio de fogo.

Ciente e quase mudo preparou-se para a luta científica, única que dá a glória duradoira e justa, para a luta da vida, donde pode surgir a vitória que traz o bem estar, o descanso íntimo da família, e do coração, a todos os que, como Rocha Peixoto, têm a ânsia do saber e têm de lutar pelo pão.

---

(\*) Artigo publicado na *Ilustração Trasmontana*, 2.º ano (Porto, 1909), pp. 78-79.

(\*\*) Convidado por Carlos Ribeiro a visitar Portugal, o geólogo suíço Léon Paul Choffat (1849-1919) viveu cerca de quarenta anos no nosso país, onde faleceu. Durante esses anos realizou sucessivas investigações e publicou inúmeros trabalhos — consagrados sobretudo à geologia portuguesa. Vários dos referidos estudos apareceram na *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, da qual Rocha Peixoto era um dos directores.

Rápidamente, vejo-o surgir na luta científica, na luta pelo equilíbrio do homem que seja ciente e justo, vejo-o entrar na liça como um crente, como um guerreiro medieval, bordada no escudo a divisa fulgente *pelo homem, pela pátria*, vejo-o de viseira levantada, montante de aço rijo, chispante à luz da verdade, guante de ferro pesado, audaz, superior, esmagando conveniências e mentiras. Vejo-o aquecido pelo entusiasmo da mocidade, dominado pela ânsia do verdadeiro — derrubando a convenção que brutaliza e esmaga.

Cercado de valorosos e sábios companheiros, cujos cérebros dominava uma comum aspiração — companheiros como Ricardo Severo, João Barreira, Fonseca Cardoso, Xavier Pinheiro, ele, dominante e glorioso, capitaneava a soberba plêiade de insubordinados e impenitentes, sendo Ricardo Severo o quebra-mar a repetidas ondas de ousadia.

Como pretendida realização de um sonhado ideal, fundou esse grupo a *Sociedade Carlos Ribeiro* (1888), e como sequência o boletim dessa sociedade — *Revista de Ciências Naturais e Sociais* de que saíram cinco volumes (1889-1898) (1).

Define-se por este tempo o carácter de Rocha Peixoto como combatente. Lança a violentíssima luva: — *As deficiências de trabalho na Academia Politécnica do Porto*, que dá origem à celebrada questão académica, e de que resulta longa série de factos curiosos e picarescos com sopapos à mistura. Se mais não houvesse, bastaria esse folheto e a *Resposta ao «Desforço»*... para conferirem a Rocha Peixoto o diploma de valente polemista (\*). Mas há muito mais.

---

(1) Para a história desta sociedade veja-se o precioso capítulo — *A Sociedade Carlos Ribeiro, nótula histórica*, vol. V, pág. 178 e seg. da Revista.

(\*) Augusto Nobre, no artigo que sobre Rocha Peixoto publicou



A sua crítica, o seu valor científico acentua-se e demonstra-se nos seus dois trabalhos: — *O museu municipal do Porto* e *A probidade científica do snr. João Bonança. Capítulo para o inquérito da «História da Lusitânia e da Ibéria»* (1890).

A história do seu trabalho *O museu municipal do Porto*, que tão estranhos casos produziu, conta-a ele no último volume da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, com um pitoresco inexecedível. E é o caso que julgando a Câmara portuense feito o folheto por um sábio lente da Universidade se apressa a orçamentar 40 contos para organização do seu museu. Mas... ao saber que esse Rocha Peixoto não era o lente, mas o rebelde tantas vezes acusado, dilui a verba noutras aplicações esquecendo a velha filosofia popular: — *mais corre uma lebre de um ano, que um burro de vinte.*

---

em 1927 no jornal poveiro *Rocha Peixoto (Homenagem)*, diz que o opúsculo *As deficiências de trabalho*, da autoria de Rocha Peixoto, não provocou «qualquer desforço» dos alunos da Academia (*Vide*, na transcrição do referido artigo, o texto da pág. 34 do presente volume). No entanto, como resposta a *As deficiências de trabalho*, apareceu o opúsculo: — *Desforço. Considerações após a leitura do folheto do snr. R. P.: Deficiências de Trabalho na Academia Politécnica do Porto*, por «Um grupo de academicos» (Porto, 1889). Rocha Peixoto retorquiu com um outro opúsculo intitulado *Questão Académica. Resposta ao «Desforço»*, etc. (Porto, 1889). A este seguiram-se, na agitada polémica, mais três publicações dos estudantes visados por Rocha Peixoto: *Atribuições* (folha solta com 16 quadras assinada Julius Publices); *Questão Académica. Socorro, Clemente & C.<sup>a</sup> Sociedade anónima de idiotice ilimitada* (Carta a R. P.), por Asmodeu (Porto, 1889); e *Questão Académica. Um par de ferros. Resposta ao Sr. R. P.*, por «Um grupo de académicos» (Porto, 1889).

Em 1898 Rocha Peixoto revelou os nomes dos autores destes folhetos, que na altura da sua publicação se enconderam sob pseudónimos ou sob uma capa colectiva [Rocha Peixoto — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Notula Historica», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. V (Porto, 1898), p. 208].

Durante estes fortuitos incidentes preparava-se ele com os mais sérios métodos de estudo, de que só a sua organização era capaz, para nos aparecer rapidamente o grande etnógrafo que foi.

Esmagado por encargos de família, porque não era rico, queria ser apesar de tudo o exemplo modelar do homem que trabalha por ela, do homem independente e honesto que não quer sair e que não sai além dos seus recursos materiais. E criança, e lutador, consegue-o gloriosamente, na superioridade de um precioso exemplo, infelizmente só conhecido dos íntimos.

Família, ciência, pátria, era a trindade que lhe enchia a alma. Para a família o esteio previdente e carinhoso, abençoado, feliz;—para a ciência o grande trabalhador que queimava nos seus altares a própria vida; — para a pátria o soberbo defensor — pela espada se preciso fosse — mas caracteristicamente pelo culto, pelo saber, pelo exemplo. Pátria que ele via despenhar-se no abismo de imoralidades e devassidões, mas cultuando ainda no coração a doce e suave esperança de um rejuvenescimento, de uma renascença fulgurante. E era essa esperança que o animava, foi esta esperança que fez de Rocha Peixoto um trabalhador exemplar e sábio.

E que mais seria preciso para a renascença de um povo do que seguir o impecável exemplo de Rocha Peixoto e dos seus companheiros de trabalho?

Dissolvida a *Sociedade Carlos Ribeiro*, mais ampla orientação domina os que restavam do glorioso grupo fundador.

Como última aspiração patriótica, audaz pela independência, soberba pela isenção, religiosa pelo culto que documenta, surge a PORTUGÁLIA.

Em casa, havia ciência; no país havia trabalhos.



Cortam-se as três grandes secções: *antropologia*, *arqueologia* e *etnografia*, de que se encarregam respectivamente Fonseca Cardoso, Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Que mais era preciso para iniciar a nova publicação? Vontade e elemento de estudo havia-os em excesso. Os meios materiais seriam fornecidos pelo mais abastado dos três: — Ricardo Severo. Mãos à obra, e aí surge o primeiro número (1899) com o fulgor científico e artístico não visto em publicações desta ordem.

O programa da PORTUGÁLIA esboça-o Severo nestas significativas palavras: — «Propor-se-á o renascimento da verdadeira alma popular — inicia-se com patriotismo e esperança obra tradicionalista de reivindicação pela grei portuguesa.

«Obedeçam a este intuito os que no país pensam e estudam. Abrir-se-á um novo período de RENASCENÇA dentro da própria nacionalidade, que será também a renascença de um velho povo.

«Contamos seguir ao fim o caminho traçado, colaborarão na benemérita obra todos os estudiosos do país, nada esperamos do público, e, não obstante, prosseguiremos».

Nada mais patriótico, nada mais belo! Orientados por essa luz: — a renascença do velho Portugal — trabalham os três heróis como hercúleos espartanos.

Cercam-nos e acarinhos-nos os que lhes conhecem a alma, os que se sentem vibrar perante obra tão meritória e tão querida. E de todo o país, se não surgem auxílios materiais, surge o que não é menos raro, mas que é mais consolador — a veneração dos que pensam.

Vai a PORTUGÁLIA com um *déficit* de oito contos ao cofre do seu director Ricardo Severo, mas como ela não veio à ganância comercial, mas se levanta apenas como concretação de um culto íntimo, como um monu-

mento erguido à pátria pelo coração, prosseguirá altiva, na sua missão gloriosa.

E foi na PORTUGÁLIA que Rocha Peixoto, o ardente polemista, o valente lutador, ao levantar do piedoso monumento à pátria, que vê morrer espezinhada, se transformou no assombroso homem de ciência, no mais sábio e no mais investigador etnógrafo.

E ao achar quase a extinguirem-se formas características do nosso viver regional ele vai numa ingente piedade conferir, estudar, registar esses arrancos da pátria agonizante.

Mas esses registos não são inventários de meirinho inconsciente. São estudos amplos, modelares de um sábio, por que Rocha Peixoto não foi ainda igualado na minudência e na probidade dos seus estudos de etnografia portuguesa; não foi, e creio que dificilmente o será.

Veja-se essa formosíssima série de trabalhos na PORTUGÁLIA: — *Olarias de Prado* — *Palheiros do litoral* — *Iconografia popular em azulejos* — *Iluminação popular* — *Traje serrano* — *Cataventos* — *Filigranas*, etc., e reconhecer-se-á o que afirmo: — minudência e probidade não atingidas no nosso meio científico.

Tudo que nos legou é uma parte diminuta dos seus estudos. Resta a riqueza das suas pastas que mão amiga um dia, talvez, traga a lume. Falta-nos o seu livro sobre a sua querida Póvoa, que devia ser o mais raro, o mais modelar e o mais valioso monumento (\*).

---

(\*) Sobre o livro que Rocha Peixoto projectou escrever acerca dos pescadores poveiros, vide: Flávio Gonçalves — *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965), pp. 55-58.





Aos 43 anos Rocha Peixoto morreu. Morreu quando do seu largo campo de estudo brotavam as primeiras flores, tão ricas e tão belas, morreu quando o seu espírito tão completamente educado, poderia produzir os mais valiosos frutos.

Veste de luto a PORTUGÁLIA com o seu séquito de colaboradores. Chora e chorará sempre esse querido morto.

Tomou luto o Porto, cobriu-se de largos crepes a Póvoa de Varzim.

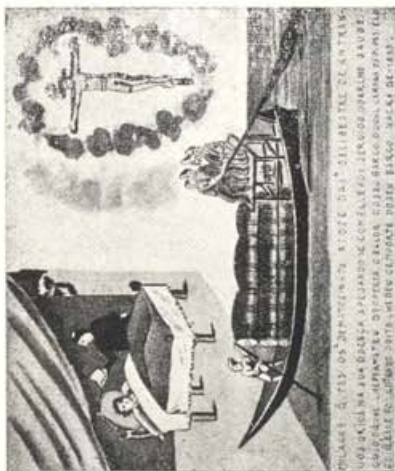
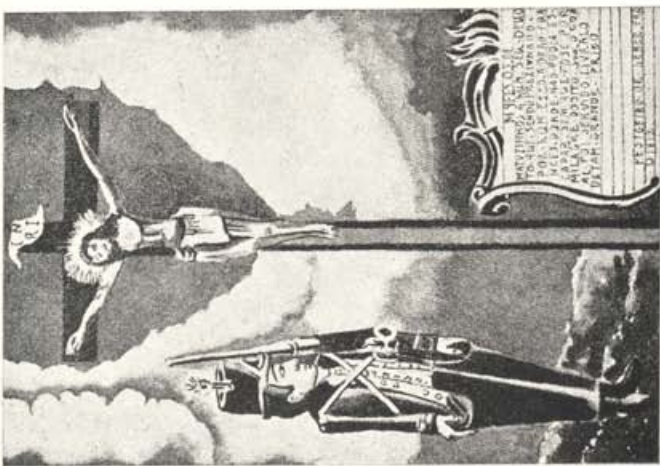
O que esse homem era para o Porto e para a Póvoa vi eu na minha piedosa homenagem.

A Póvoa que o viu nascer, praticou o mais belo e patriótico acto; a Póvoa que, cheia de orgulho, via nele o mais glorioso filho, ao ter conhecimento da sua morte, corre a Matosinhos, representada por todas as suas classes sociais, corre a pedir à família que lhe confie a ela, a extremosa mãe, os restos mortais de um filho que era a sua glória.

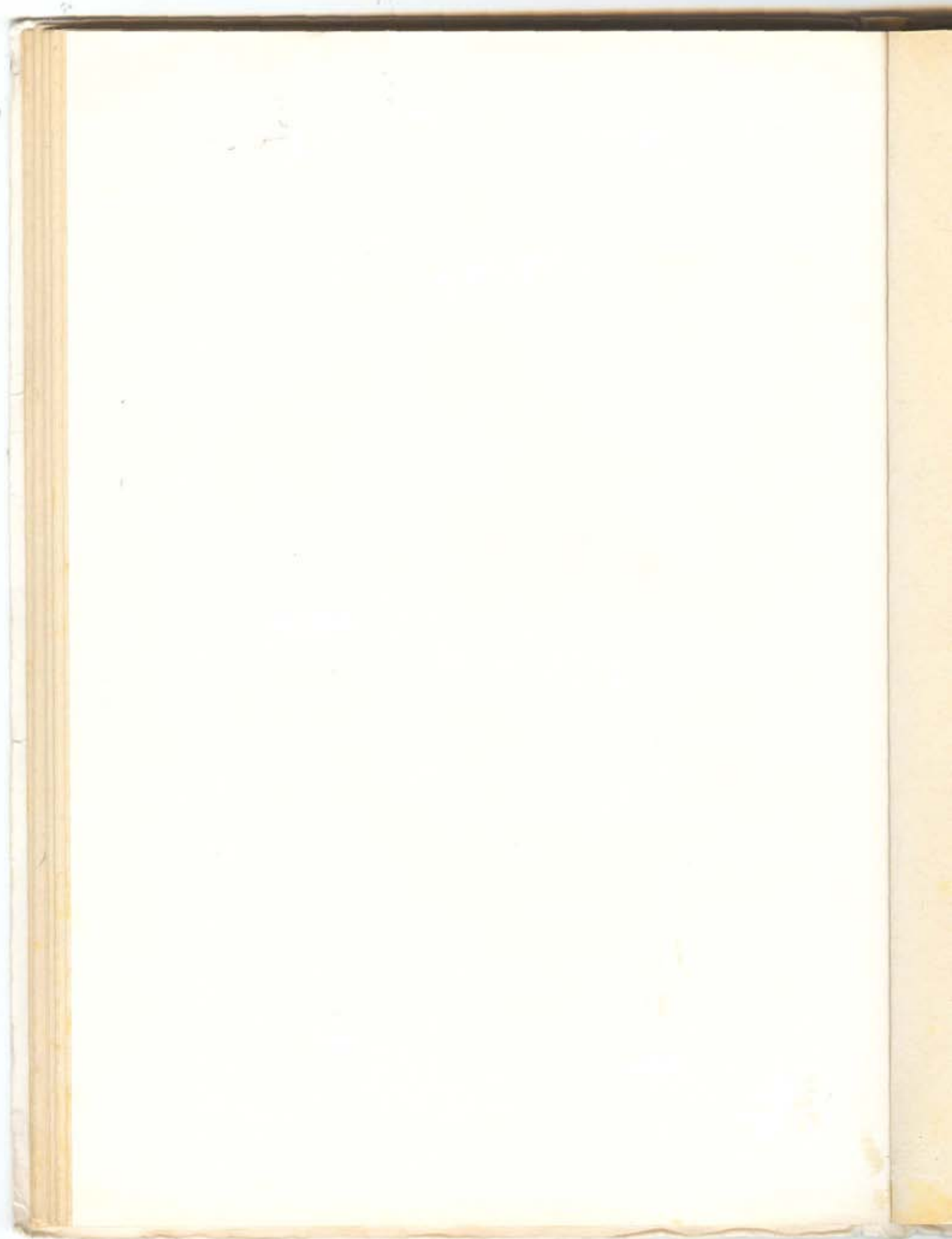
E o cadáver do sábio, do ilustre poveiro atravessou, em terna e dolorosa apoteose, as ruas da sua terra entre as lágrimas dos seus dez mil habitantes que eram seus dez mil amigos.

«Ditosa pátria que tal filho teve»

Alcobaça, 22 Maio.



Três milagres do santuário do Bom Jesus de Matosinhos reproduzidos por Rocha Peixoto no seu trabalho sobre as *Tabulae Votivae* (Porto, 1906)



## ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves .....	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i> .....	10

### DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira .....	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo .....	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre .....	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio .....	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?] .....	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros .....	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro .....	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade .....	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho .....	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha .....	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães .....	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão .....	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa .....	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno) .....	103
[ <i>Rocha Peixoto</i> ], por Correia Pacheco .....	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira .....	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino .....	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão .....	123

### MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i> .....	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i> .....	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i> .....	152



## ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i> .....	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i> .....	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i> .....	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i> .....	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i> .....	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i> .....	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i> .....	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i> .....	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i> .....	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i> .....	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i> .....	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i> .....	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i> .....	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i> .....	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i> .....	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i> .....	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i> .....	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i> .....	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i> .....	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i> .....	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966







«marânus» - porto